

EXÍLIO E DESENRAIZAMENTO (DE SI): JORGE DE SENA EM PEREGRINAÇÃO.

Ana Paula Grillo El-Jaick
UFF / FAPERJ

- Não admities o quê? Não admities o quê? Olha, sabes que mais? Mete a tua pátria no cu. Sabes o que é a pátria que a gente tem? Que tu e os outros nos deixaram? Sabes aonde está a nossa pátria? A pátria está onde está isto – e agarrou com a mão no sexo.¹

Peregrinatio ad loca infecta foi publicado em 1969, quando Jorge de Sena estava prestes a completar cinquenta anos. Dividido em três partes (Portugal, Brasil e Estados Unidos da América), reúne poemas escritos pelas *peregrinações* deste complexo exilado. De fato, Sena é alguém que passa a estar “sem pé na pátria”, numa “amarga ausência”, como afirma no prefácio à segunda edição da coletânea de poemas *Poesia III*, por conta da ditadura salazarista que domina seu Portugal, embora, ao mesmo tempo, afirme que morrerá por exílio sempre, “mas fiel ao mundo”². É justamente essa dicotomia *ser português / ser cosmopolita* que o atual trabalho aborda. Como um poeta tão envolvido com os problemas de sua pátria escreve, ao mesmo tempo, poemas tão visceralmente pessoais? Até que ponto a raiz de Portugal acaba – ou pode acabar? Onde começa o tronco em que se poderia considerar um estar português que se ramifica para o universal? Eis o caminho a ser trilhado por nossa peregrinação.

Já no prefácio ao *Peregrinatio...*, Sena ressalva os problemas de identidade que a confrontação com diversas culturas - ainda que lhe sejam familiares - suscita, uma vez que esta confrontação leva a meditar sobre quem somos. Seguindo essa trilha de indagação acerca

Bolsista de iniciação científica. Este trabalho apresenta conclusões preliminares da pesquisa *Viagens silenciadas : emigração e exílio nas literaturas de língua portuguesa*, orientada pelo Prof. Dr. Sílvio Renato Jorge.

¹ SENA, Jorge de. “Capangala não responde”. In: - *Os Grão-Capitães*. Lisboa: Ed. 70. 1982 p. 211

² -----, “Glosa de Guido Cavalcanti”. In: - *Poesia III*. Lisboa: Ed.70. 2 ed. 1989 p. 51

da identidade, percebemos ser ela um *pressuposto*, como já o afirmou Eduardo Lourenço³ e, assim, o que poderia surgir como problema ou questão de “identidade” diz respeito, na verdade, à sua *perturbação*. Com efeito, não se questiona sobre identidade quando ela está, ainda que ilusoriamente, consolidada. É quando o sujeito se vê de alguma forma fragilizado, posto à prova, que dúvidas e incertezas surgem em torno do que se considerava perene. Além disso, vale ressaltar o caráter exclusivamente subjetivo da identidade, o que poderia levar à conclusão de que uma nação não a possui, a não ser como metáfora do indivíduo. Confirma-se, então, a suposição de que não existe uma *terra estrangeira*, já que ela só o seria em relação ao sujeito que nela se encontra. E é exatamente nesse sentido de terra estrangeira – do ponto-de-vista do sujeito / poeta Sena – que o autor problematiza sua identidade. É como se confronta com outras formas de ver o mundo e é assim, também, que ele mesmo passa a vê-lo de outra maneira, aliás, não só ao mundo mas, ainda, a si mesmo.

Já foi dito que a identidade é própria do sujeito. Dando mais um passo nessa direção, podemos afirmar que é, também, baseada na sua *memória*. As lembranças do indivíduo são pedras na construção de sua identidade. Então, a cada momento, *tudo* o que lhe acontece – já que um dia será memória – está moldando o que o indivíduo é ou venha a ser. Por isso, a identidade é construção e invenção de si, e conseqüentemente, e ao mesmo tempo, sofre o seu oposto, isto é, possibilidade ou ameaça de desconstrução; podemos dizer, portanto, que é nessa ameaça que se encontra o exilado. Tudo o que é fica exposto ao *diferente* e essa exposição ao seu negativo e a seus matizes é que o ameaça e o leva a questionamentos. De certa forma, podemos afirmar ser o exilado um indivíduo que experimenta permanentemente o jogo do “entre”, procurando sobreviver na duplicidade do espaço – lá e cá – e do tempo – antes e agora⁴.

³ LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: INCM, 1988.

⁴ CAPINHA, Graça. Ficções credíveis no campo da(s) identidade(s): a poesia dos emigrantes portugueses no Brasil. *Rev. Crítica de Ciências Sociais*, 48, p. 103-145, jun. 1997.

O primeiro lugar onde Jorge de Sena se vê “entre” duas pátrias é, justamente, no Brasil, país em que o poeta inicialmente se exila. Sendo duas nações cuja língua oficial é o português, poderia estar aí um caminho para o encontro, para a superação dos obstáculos que o estar longe da pátria impõe. A língua portuguesa em comum, todavia, não o exime de permanecer num entre-lugar, num estar em fronteira, uma vez que exilado. Aliás, o escritor não se mostra silente com relação à questão lingüística, que é freqüentemente trazida à tona por essas suas andanças. Contudo, não a trata com a pompa com que de costume se lhe confere; ao contrário, acentua sua precariedade, como no poema “Em Creta, com o Minotauro”, que faz parte do *Peregrinatio...*:

E aí eu quero reencontrar-me de ter deixado a vida pelo mundo em
pedaços repartida, como dizia aquele pobre diabo que o Minotauro
não leu, porque, como toda a gente, não sabe português.

É através da alusão aos célebres versos camonianos, recorrentes tantas vezes na poesia de Jorge de Sena, que ele coloca a língua portuguesa como um entrave, como se Camões não fosse tão lido – como deveria – porque toda a gente não sabe o português. A língua também mostra sua leveza através do acaso: “A pátria / de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações / nasci.”⁵ Ela carrega consigo o modo de ver lusitano e, se por acaso o português também é a língua que se fala no Brasil, isso não significa uma aproximação. É só mais uma dessemelhança nessa fronteira em que o autor está *entre*. É mais um elemento na (des)construção da identidade, da subjetividade que acontece por acaso. Elemento que parte da memória que (des)constrói o sujeito.

Nesse jogo de invenção e nova percepção de si, sua poesia revela -se ferozmente pessoal⁶. Seu tema mais constante e veemente é a *liberdade*. Nesse espaço, o limite está bem longe de Portugal – é o abuso das fronteiras. Os olhos são igualmente exilados, ou seja, tudo vêem à distância, e tudo torna miúdo – Europa, Salazar... é sempre um outro que diminui à

⁵ SENA, Jorge de. “Em Creta, com o Minotauro”. In: - *Poesia III*. Lisboa: Ed. 70 2 ed. 1989 p.74-75

⁶ LOURENÇO, Eduardo. Evocação de Jorge de Sena. *Boletim do SEPESP*, Rio de Janeiro, v.6, p. 9-22, set. 1995.

medida em que os passos se alargam. Talvez por isso Eduardo Lourenço afirme que sua obra é bem mais pessoal que “coral”⁷. Mais preocupado com o eu e seus meandros interiores, é em torno de si que experimenta e quer ver concretizada a liberdade; sua poesia, segundo o próprio poeta, cumpre “uma fidelidade à responsabilidade de estar no mundo”; entretanto, estando nele, conserva a exigência crítica de torná-lo socialmente mais justo. Ou seja, voltamos às duas faces da moeda seniana: por mais introspectivo e pessoal, seu propósito sempre se quer universal. Vaidoso, egocêntrico, ou qualquer dos adjetivos pejorativos com que habitualmente lhe vestem, falta a merecida roupagem de humanista. Mais uma vez retomando o poema “Em Creta,...”, Sena se escandaliza com esse mundo tão desumano: “E a do que faço e de que vivo é esta / raiva que tenho de pouca humanidade neste mundo”.

Neste viés, a questão política e social são fundamentais. O salazarismo o fez exilado, separando-o de uma pátria que deveria lhe pertencer⁸. Uma vez longe dos seus, as palavras são como um refúgio afetivo para exprimir sua perturbação e seu estado solitário⁹. Há um prazer contraditório em vingar-se através das palavras – raiva e despeito contra a pátria que o havia rejeitado e, por isso talvez, a ironia do exilado apareça como uma estratégia eficaz em sua crítica à distância. De amada e defendida, a pátria passa a ser vítima de injúrias, quando não é metamorfoseada. Aliás, sua imagem como falo no conto “Capangala não responde” – escrito no Brasil – reaparece no poema “Raíces”, de *Conheço o sal... e outros poemas*¹⁰, e no famoso “Camões na Ilha de Moçambique”¹¹, em que coloca o poeta d’*Os Lusíadas*, depois de se ter “aliviado”, com a mão pousando lusa, “em franca distração, no que te era a pátria”. Essa pátria que o fez tornar-se estrangeiro, que o fez desgarrado, passa a estar em suas próprias – e “alheias” – mãos. Dardejando críticas a Portugal, leva-nos a lembrar sua

⁷ Idem

⁸ Ibidem.

⁹ GIUDICELLI, Michelle. Jorge de Sena e o refúgio das palavras. *Boletim do SEPESP*, Rio de Janeiro, v.6, p. 123-134, set. 1995.

¹⁰ SENA, Jorge de. *Poesia III*. Lisboa: Ed. 70 1989 2 ed. p. 201

¹¹ SENA, Jorge de. *Poesia III*. Lisboa: Ed. 70 1989 2 ed. p. 185-186

afirmação de que, depois de ter andado por terras e gentes, e de ter conhecido os mundos e os submundos, será sempre sem pátria¹². Também “Em Creta... ”:

Com pátrias nos comprem e nos vendem, à falta de pátrias que se vendam suficientemente caras para haver vergonha de não pertencer a elas. Nem eu, nem o Minotauro, teremos nenhuma pátria.

Não há pátria a que valha a pena pertencer. No fim, elas são cambiáveis e permutáveis – e, assim sendo, mais vale não as ter: é a figura do permanente exilado, que tão bem cai a Sena. Isso quando não é ele mesmo a sua própria, em um exílio absoluto, um exílio de si, em si, como já afirmou Paula Gândara, no ensaio “Jorge de Sena, ou para o exílio da palavra”¹³.

Assim começa o mesmo poema “Em Creta, com o Minotauro”:

Nascido em Portugal, de pais portugueses, e pai de brasileiros no Brasil, serei talvez norte-americano quando lá estiver. Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem, se usam e se deitam fora, com todo o respeito necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.¹⁴

Fazendo jus à figura do exilado, o poeta se mostra como um rebelde aos vínculos e às comunidades¹⁵. Respeitosamente, jogará fora, depois de usadas, as nacionalidades que lhe prestaram serviço, podendo trocá-las como quem troca de roupa. É adepto da solidão, incluindo a que se sente no meio das multidões e é essa a solidão mencionada por Sena em outro poema, imagem montada a partir da junção de *Para quem os sinos dobram* com as *Meditações*, de Descartes: “For whom the bell tolls, com incidências do ‘cogito’ cartesiano”¹⁶. A primeira estrofe é encerrada com o seguinte verso: “O que nos mata é solidão povoada”. Essa solidão, liberta das raízes que um dia se teve, é uma incidência constante e gélida no contexto da poesia do autor, angústia que lembra o fato de que, além da marginalização

¹² SENA, Jorge de. “Quem muito viu...” In: - *Poesia III*. Lisboa: Ed. 70 2 ed. 1989 p. 48-49

¹³ GÂNDARA, Paula. “Jorge de Sena, ou para o exílio da palavra.” In: *Jorge de Sena em rotas entrecruzadas*. Org. Gilda Santos. Lisboa: Edições Cosmos 1999 p. 275-299

¹⁴ SENA, Jorge de. “Em Creta, com o Minotauro”. In: - *Poesia III*. Lisboa: Ed. 70 2 ed. 1989 p.74-75

¹⁵ KRISTEVA, Julia. “Tocata e fuga para o estrangeiro.” In: - *Estrangeiro para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994 p. 9-46

¹⁶ SENA, Jorge de. *Poesia III*. Lisboa: Ed. 70 1989 2 ed. p. 69-72

conseqüente do exílio, há a auto-marginalização, há o sentir-se só mesmo quando perto de outros e até o querer se sentir só porque o outro é o estrangeiro, é o estranho – para o exilado.

Esse afastamento de sua pátria desemboca num desenraizamento de si. Segundo Julia Kristeva, o estrangeiro não é de parte alguma, já que sempre em outro lugar¹⁷. Onde quer que esteja, será sempre *de fora*, pois o estrangeiro está dentro dele mesmo. O que o ameaça é a possibilidade da lembrança. Dela, refugia-se em estações de trem, nos aeroportos, nos cais de porto – sem desejo de ancorar. Em seu lugar, pousa sua felicidade neste desgarramento, no nomadismo, num espaço prometido e infinito e sempre à procura, pois já que não é de nenhum lugar, então sua única responsabilidade é a de estar no mundo. Frente à sua pátria, coloca-se na posição de cidadão do mundo, cosmopolita, e, com a distância que possui, se fortifica – dos outros e de si mesmo – e relativiza a si próprio e aos demais. Como diz Fernando Pessoa:

Nas faldas do Himalaia, o Himalaia é só as faldas do Himalaia. É a
distância ou na memória ou na imaginação que o Himalaia é da sua
altura, ou talvez um pouco mais alto.¹⁸

É também por causa da distância que ele não espera que sua terra natal esteja pronta a conhecê-lo como ele, agora, a conhece. No poema “Glosa de Guido Cavalcanti”¹⁹, nos informa que:

Porque não espero de jamais voltar
à terra em que nasci; porque não espero,
ainda que volte, de encontrá-la pronta
a conhecer-me como agora sei

que eu a conheço; porque não espero
sofrer saudades, ou perder a conta
dos dias que vivi sem a lembrar;
porque não espero nada, e morrerei

por exílio sempre, mas fiel ao mundo,
já que de outro nenhum morro exilado;

¹⁷ Ver nota 16.

¹⁸ PESSOA, Fernando. Entrevista na *Revista Portuguesa*, 13 out., 1923.

¹⁹ SENA, Jorge de. *Poesia III*. Lisboa: Ed. 70 2 ed. 1989 p. 51

Seu rancor reverte em ameaça de não mais voltar. E não está alheado ao fato de que, se acaso volte, não verá mais Portugal como antes via. O despeito de não esperar ter saudades; de, melancolicamente, perder a conta dos dias que passou sem sua lembrança é o que garante um esperar contentado do último verso: “porque não espero, espero contentado”.

Portugal é visto por Sena à distância. Consequentemente é assim, também, escapando de si, que o poeta se vê: com olhos exilados. A crítica a uma sociedade injusta volta à tona, retomando a linha do vicioso círculo: o exilado por motivos políticos que escreve poemas fortemente pessoais. O sujeito que não é transcendental – afinal, *não é de nenhum outro [mundo] que morre exilado* –, mas inserido num universo em que não se finca. Longe de se sentir enraizado em algum lugar por que tenha passado, nem tendo rompido o cordão umbilical que o liga à sua pátria lusitana, é talvez por ser desenraizado de si mesmo que conserva a atitude crítica em relação a ele próprio e ao que o cerca. E o que o cerca é esse mundo, já que é só nesse que acredita, apesar de desejar que ele fosse outro²⁰. É a linha do círculo que se traça passando por Portugal e pelo próprio umbigo do poeta.

²⁰ SENA, Jorge de. “Em Creta, com o Minotauro”. In: - *Poesia III*. Lisboa: Ed. 70 1989 2 ed. p.74-75